

Demorar, de Derrida a Blanchot: literatura e rastreamentos

Alice Serra*

DERRIDA, Jacques. *Demorar: Maurice Blanchot*. Trad.: Flavia Trocoli e Carla Rodrigues. Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2015

Entre todas as impressões que me alcançaram, creio que a mais forte foi esta: que jamais a evidência da realidade havia sido tão premente quanto em seu deslizar para a desapareição; nesse movimento liberava-se algo que era uma alusão a um evento, à sua intimidade, como se, para essa figura, desaparecer fosse sua verdade mais humana e, também, a mais próxima de mim. [...]

Sim, isso já teria tido lugar, e a questão de saber quando? era em vão, a certeza da lembrança indiferente, pois me parecia que eu não pertencia à ordem das coisas que se produzem e das quais nos lembramos alegre ou tristemente, mas ao elemento da fome e do vazio, onde o que não teve lugar, devido a isso, recomeça e recomeça sem começo nem repouso.

(Maurice Blanchot, *Celui qui ne m'accompagnait pas*¹)

Nestas passagens de um livro de Maurice Blanchot que se deixa traduzir por “Aquele que não me acompanhava”, sobressaem-se os sentidos de desapareição, impermanência, impossibilidade de apreender algo ou de situar algo já ocorrido. O título da obra de Jacques Derrida, *Demorar: Maurice Blanchot* pareceria opor-se aos sentidos supra mencionados, já que, em seu significado mais habitual, aquilo que demora indica uma permanência: por exemplo, pode-se demorar em um lugar, permanecendo por um tempo maior que o previsto, pode-se demorar diante de um objeto ou de uma cena que, enquanto perdura a demora, estariam disponíveis para a apropriação ou apreensão. Neste caso, eles permaneceriam disponíveis à visão, ao tato, à audição, não escapariam simplesmente ao acesso dos sentidos. Ou, caso desaparecessem, poderiam ser recuperados ou reatualizados em atos de lembrança. Nas passagens citadas, todavia, Blanchot alude ao que ‘desliza para a desapareição’, ao que escapa à lembrança e suas intensidades afetivas, ao que ele – o autor – não consegue situar. Nessas passagens indica-se essa outra demora: Blanchot menciona um “deslizar para a desapareição” que é também “alusão a um evento (*événement*)”, mesmo à “intimidade” de um evento que, porém, permanece indeterminado. Nessa experiência, remissiva a algo supostamente já ocorrido, mas não passível de situar-se – “quando?” – pergunta Blanchot –

* Doutora em Filosofia pela Albert-Ludwigs-Universität Freiburg, Alemanha; professora adjunta do Departamento de Filosofia da UFMG.

¹ P. 65 s., trad. minha.

nessa circunstância, o que não teve lugar “recomeça e recomeça sem começo nem repouso”. Nesse ponto de não presença, de não apreensão, mas também de ‘permanência no que não teve lugar e insiste em recomeçar sem cessar’: aí mora e demora (*demeure*) o que dá lugar à literatura.

Eles iam, deixando vir, a presença. Que, entretanto, não vinha. Que, entretanto, jamais veio. – De onde, entretanto, vem todo o porvir. – Onde, entretanto, se apaga toda presença.²

Essas palavras de Blanchot, extraídas do livro *L’attente, l’oubli* (*A espera, o esquecimento*), assim como as passagens anteriormente citadas, poderiam ser lidas *avant la lettre* como uma desconstrução da filosofia da presença, tema tão caro à desconstrução³. Atentando para esse e outros rastros do pensamento de Blanchot na obra de Derrida, o livro de Derrida, *Demorar (Demeure): Maurice Blanchot*, traduzido por Flavia Trocoli (UFRJ) e Carla Rodrigues (UFRJ) e publicado, em 2015, pela Editora UFSC, tematiza não somente as condições e implicações da escrita literária, sua relação com outros discursos e com a verdade, mas também aponta, em cada página, para esse outro – Blanchot – e essa outra escritura da qual a desconstrução seria tributária.

Nesse seu segundo livro dedicado a Blanchot⁴, Derrida recupera, a partir de Blanchot, o que se poderia denominar de notas ou nuances da literatura. Sobressaem-se estas: a passividade do texto literário, o caráter testemunhal da literatura, o neutro desde uma não posição prévia de um sujeito enquanto autor do texto. Estas notas teriam propriamente o sentido de “feixe” (*faisceau*), tal como Derrida indica no texto *La différence*, ou seja, uma tessitura de diferentes linhas ou forças de sentido que tangenciam algo ou um tema que não se deixa puramente definir pelo conceito.⁵ A literatura, que não é simplesmente definida em *Demorar*, insinua-se ou insurge numa escrita perpassada por uma outra – e são diversas as escritas de Blanchot a que *Demorar* remete – no entrecruzamento desses e de outros feixes: o neutro, a passividade, o testemunho. Na leitura de Derrida de textos de Blanchot indica-se

² Blanchot, 1962, p. 119; trad. minha.

³ São diversos os quase-conceitos introduzidos por Derrida que desconstroem as filosofias da presença, identificadas em diferentes autores da tradição filosófica lidos por Derrida. Os quase-conceitos de rastro, traço, escritura, *différance* desconstroem, cada um a seu modo, o que Derrida identifica como filosofia da presença em suas diferentes modalidades – enquanto presença do objeto para o sujeito do conhecimento ou para a consciência, enquanto presença do sujeito ou da consciência para si mesmos, enquanto presença do presente temporal a partir do qual a apreensão do futuro e do passado e a apreensão do outro teriam sido fundamentadas, apagando as diferenças.

⁴ Anteriormente, Derrida já havia dedicado uma obra a Blanchot, a saber: *Parages*, que reúne escritos redigidos entre 1975 e 1979 e que foi publicada, em 1986, pelas Edições Galilée. A primeira versão de *Demorar* consistiu numa conferência proferida por Derrida na Universidade Católica de Louvain, Bélgica, em 1995. Os anais do colóquio foram publicados em 1998, pela editora Galilée. O primeiro título proposto por Derrida para o texto foi “Ficção e testemunho”.

⁵ Cf. Derrida, J. *La différence*, p. 3/ *A diferença*, p. 34.

justamente um ‘insurgir’ da literatura, sem que, previamente, se identifique uma instância subjetiva que assegure o discurso, mas, antes, uma condição inalienável, no acolher, pela escrita, de algo que advém de maneira irruptiva. Num espaçamento sem autoria prévia e sem mestria, na possibilidade de acolher o que quer seja e que insiste em inscrever-se – no cerne da palavra que não simplesmente significa alguma coisa ou alguma ideia – a literatura vem à cena.

Derrida se reporta, nesse sentido, a uma “arquipassividade” (*archi-passivité*) em textos de Blanchot, mais especificamente, no apresentar-se de um neutro e de uma neutralidade de uma certa voz narrativa, enquanto “voz sem pessoa”, a qual carece de um eu que se ponha e identifique a si mesmo, uma voz que testemunha sobre algo, que pode testemunhar sobre si, mas sem que o eu que testemunha e o eu sobre quem se testemunha sejam convertidos a uma identidade.⁶ Como Blanchot remarca em *O livro por vir* (*Le livre à venir*) e Derrida o recupera em *Demorar*, a escrita literária instaura um espaço neutro, enquanto um apagamento a que é convidado aquele que escreve e no sentido daquilo que se inscreve quando o já sido se dissipa e as palavras advêm como que desde um inapreensível porvir: “[...] exposição ao que não se vê chegar e que não se poderia predizer, calcular ou programar”⁷.

Como inscrito em *Demorar*, o neutro seria “lugar singular de uma paixão além da oposição do ativo e do passivo”, ou ainda “a experiência ou a paixão de um pensamento que não pode parar uma oposição sem, portanto, sobrepujar a oposição”⁸. O neutro – que mobiliza, viabiliza, ou sem o que a escrita literária não seria – teria lugar para além de tais oposições e suas implicações metafísicas, colocando-se através deste distanciamento na experiência do “nem um nem o outro”⁹. Seguindo indicações de Jean-Luc Nancy¹⁰, o efeito do neutro, pensado a partir de Blanchot, não tanto se expressa como destituição do “um” em sua força e potência, mas, sim, a partir do deslocamento do outro – deslocamento que também se poderia chamar de um distanciamento ou adiamento (*Verschiebung*). O outro não seria aqui o outro de um mesmo, nem também – no sentido da conhecida fórmula dialética – o negativo de um positivo. Ele igualmente não se deixaria reduzir a “um outro” ou a “O outro”. O neutro seria, antes, “o outro do outro”: enquanto o negativo hegeliano teria o poder de negar a si mesmo, Blanchot recusaria ao neutro essa potência, mantendo, como sugere Nancy, uma

⁶ DERRIDA, *Demeure*, p. 27/ *Demorar*, p. 35.

⁷ DERRIDA, *Demeure*, p. 122/ *Demorar*, p. 101.

⁸ DERRIDA, *Demeure*, p. 121/ *Demorar*, p. 100.

⁹ NANCY, 2010, p. 13.

¹⁰ NANCY, 2010, p. 9.

espécie de afirmação neutralizante de si ou “afirmação nomádica”¹¹. Nessas acepções, a não-presença de cada origem, de cada substância, de cada sujeito, vislumbra-se em “afirmação nomádica” na literatura, em seu afirmar-se sem se instalar no afirmado da afirmação ou no (re)afirmar-se da afirmação, ou seja, sem manter sob controle uma verdade fundada. A “afirmação nomádica” – negativamente enunciada por Nancy – se daria, assim, para além de toda forma de aquisição, instalação ou fundação de uma verdade. Positivamente, esta abstenção de apossar-se de ou de submeter uma verdade ao discurso atua como condição de possibilidade para a evocação de uma verdade.

Como indica Derrida, em *Demorar*, se o testemunho sempre pretende dar testemunho da verdade, em e para a verdade (*en verité de la verité, pour la verité*), isso não significa tratar-se de uma questão cognitiva, de um fazer saber ou um dizer o verdadeiro.¹² Assim, tanto o falso testemunho quanto a ficção literária podem testemunhar em verdade ou, pelo menos, enquanto sintoma: ou seja, não é condição para o testemunho que aquilo sobre o que se testemunha tenha tido lugar enquanto realidade fática, mas que haja uma “experiência real” – vivida ou imaginada –, no sentido de uma fratura que instaura uma partição.¹³ Esta “fratura desestruturante”¹⁴ seria intrínseca à possibilidade do testemunho, sobretudo do testemunho literário – lembrando que o limite entre literário e não-literário, realidade e ficcional não é facilmente discernível, mas precisamente se desloca, desconstruindo-se.

Nesse sentido, ao colocar em questão se o livro de Blanchot, *O instante de minha morte* (*L’Instant de ma mort*), é uma ficção ou o testemunho de uma experiência do autor, Derrida relembra como Blanchot parece reportar, anos mais tarde, ao tema do livro, em primeira pessoa.¹⁵ Na narrativa do livro, um homem jovem está prestes a morrer, como se o instante imediatamente anterior ao acontecimento sem tempo da morte se prolongasse, demorando-se na escrita. Por sua vez, numa carta redigida por Blanchot, cinquenta anos mais tarde, ele menciona um evento autobiográfico em que, na juventude, esteve prestes a ser fuzilado pelos alemães. Todavia, entre Blanchot, o narrador e o personagem, não há uma identidade estrita, mas um tensionamento a partir do qual a literatura tem lugar. Nas palavras de Blanchot:

¹¹ NANCY, 2010, p. 7.

¹² DERRIDA, *Demeure*, p. 28/ *Demorar*, p. 36.

¹³ DERRIDA, *Demeure*, p. 123 s./ *Demorar*, p. 102.

¹⁴ *Ibidem*

¹⁵ DERRIDA, *Demeure*, p. 25 s.; 50 s./ *Demorar*, p. 34; 52 s.

A linguagem da literatura não quer ser distinta daquele que a fala e, ao mesmo tempo, quer ter a força de uma palavra impessoal, a existência de *uma língua que se fala sozinha*.¹⁶

A condição do escritor diante do texto por vir é, assim, de uma passividade e de uma resistência que se rompe. Entre um silêncio que habita sua origem e a desproteção diante de um exterior que irrompe, o texto literário não faz, senão, acolher o que passa a ter lugar nele, e somente nele. A essa condição, Derrida, em *Demorar*, alude como passividade do testemunho literário, o que denota tanto uma paixão no sentido de padecer, de receber uma determinação a partir de algo outro que de si mesmo, quanto uma atração irresistível pelo que, no texto, deixa-se a cada vez espaçar. A passividade, em geral, e, em especial, a passividade na literatura possuiria essa estruturação específica:

[...] um limite indeterminável ou indecidível, lá onde qualquer coisa, qualquer X, por exemplo, a literatura, deve tudo sofrer ou suportar, *padecer de tudo precisamente porque ela não é ela mesma*, não tem essência, mas somente funções.¹⁷

A paixão da literatura e sua função instável remeteriam aqui ao fato dela receber sua determinação de uma outra instância ou de outras instâncias (jurídicas, histórico-culturais etc.) que não de si mesma. Isso se observa, por exemplo, na diferença entre as circunstâncias em que um discurso é reconhecido como literário e naquelas em que não o é. Embora se afirme como possibilidade de dizer tudo, a literatura não seria, pois, “para si”, ao depender de alguma exterioridade que a identifique, valide ou deslegitime. A ambiguidade de um texto literário – alguns mais ambíguos, outros menos – residiria nessa não-essencialidade, na possibilidade de atuar ora como arquivo, ora como documento, ora como sintoma. Se, como comumente ocorre, o testemunho for visto como uma prova ou atestação daquilo que teve lugar e, nesse sentido, como estrangeiro à literatura, ao que nesta é ficcional, então a promessa testemunhal – promessa de dizer a verdade, de ter alguma relação com a verdade – seria estrangeira à ficção. No entanto, Derrida ressalta que o testemunho implica necessariamente a possibilidade da ficção, da dissimulação, do perjúrio. É como se o testemunho, segundo Derrida, se deixasse “assombrar” ou “parasitar por aquilo que está excluído de seu interior, a *possibilidade*, ao menos, de literatura.”¹⁸

Este é um dos sentidos da passividade do testemunho ressaltados por Derrida em *Demorar*: um primeiro diz respeito à paixão cristã, presente, por exemplo, nos relatos hagiográficos, em que o martírio testemunha acerca de uma inevitável receptividade ao outro,

¹⁶ BLANCHOT, 1997, p. 61.

¹⁷ DERRIDA, *Demeure*, p. 28/ *Demorar*, p. 37.

¹⁸ DERRIDA, *Demeure*, p. 31/ *Demorar*, p. 39.

que pode manifestar-se inclusive enquanto violência e violação do corpo. Esta vinculação entre passividade e testemunho se apresentaria igualmente no amor cortês: a paixão cavalheiresca teria um modo próprio de vincular-se ao outro através do testemunho confessional. Nestes três casos – o neutro da voz narrativa, o martírio, o amor cortês – estaria presente uma certa passividade na relação heteronômica à lei e ao outro. Para Derrida, trata-se de uma heteronomia que não é simplesmente passiva e incompatível com a autonomia e a liberdade, mas sim, “uma passividade da paixão anterior ou para além da oposição entre passividade e atividade”.¹⁹

É desde esse lugar limítrofe – entre testemunho e ficção literária, entre verdade e não-verdade – que *Demorar* e outros textos de Derrida evocam a materialidade da inscrição literária, como possibilidade de doação e de constituição de sentido sem a posição de um fundamento subjetivo a partir do qual se exercesse a mestria dos signos ou a vinculação subordinante do jogo de significantes a significados ideais. Essa resistência da literatura à idealização da palavra – tema tão caro à desconstrução – se observa nesta passagem da obra de Blanchot, *A parte do fogo*:

Sim, felizmente, a linguagem é uma coisa: é a coisa escrita, um pedaço de casca, uma lasca de rocha, um fragmento de argila em que subiste a realidade da terra. A palavra age, não como uma força ideal, mas como um poder obscuro, como um feitiço que abriga as coisas, tornando-as realmente presentes fora delas mesmas. É um elemento, uma parte recém-destacada do fundo subterrâneo: não mais um nome, mas um momento do anonimato universal, uma afirmação bruta, o estupor do face-a-face no fundo da obscuridade. E, com isso, a linguagem exige jogar seu jogo sem o homem que a formou.²⁰

Essa palavra que, do sujeito, se dissipa, essa língua que se fala sozinha, reivindicada por Blanchot, nos permite – e assim propriamente a Derrida – pensar a relação entre o sujeito e aquilo em relação ao que ele se afirmaria como tal. Se, em Hegel, esse afirmar-se é o de um sujeito que se coloca diante de suas representações, como sujeito que imagina e intui, e finalmente, como sujeito do fantasiar que se exterioriza na liberdade do signo – exteriorização que deve lhe permitir uma reapropriação do sentido e um retorno a si, uma reflexão e uma intuição de si²¹ – é isso mesmo que se perde ou se desmorona na figura do neutro e no espaçamento temporizante da literatura. Estes apontariam, antes, para uma cisão do sujeito, como Derrida assinala em *Demorar*, reportando-se a *O instante de minha morte*:

¹⁹ Um quarto sentido de passividade, ligado ao anterior, conotaria uma certa desproteção em relação ao outro e à lei do outro: como imputabilidade, culpabilidade ou responsabilidade, uma espécie de dívida em relação à lei. Derrida, na verdade, encadeia sete sentidos de passividade, os quais elenco acima de modo mais interligado do que no texto do autor. Cf. Derrida, *J. Demeure*, p. 26 ss./ *Demorar*, p. 35 ss.

²⁰ BLANCHOT, 1997, p. 315.

²¹ Cf. Serra, A. M. Notas sobre linguagem e alteridade: a partir de Derrida, leitor de Hegel, Husserl et al., p. 339 ss.

A morte lhes aconteceu, veio *para*, de certa maneira, dividir o sujeito dessa história: adveio nessa divisão e não teria vindo a não ser para dividir o sujeito.

[...]

Entendamos bem: o que acontece a ele, não é o morrer, é o não morrer.²²

Aludindo, assim, à partição de sujeitos ou ao descentramento subjetivo em *O instante de minha morte*, ou seja, entre o jovem homem prestes a ser fuzilado, Blanchot e o narrador, Derrida indica que não é propriamente a morte o que os fragmenta. Na narrativa, o instante da morte é o que, justamente, não chega a ocorrer, incidindo o texto nesta demora – em tempos diferentes e espaçados – ‘nisso que não ocorreu de fato e que insiste em retornar sem cessar’. Nessa condição, o espaço literário não pertence mais; de fato, ele nunca pertenceu a alguém. Ele testemunha, na ausência de atestação, na possibilidade de verdade e de perjúrio. Além disso, como indicia Blanchot na obra *Après coup*, o testemunho se institui desde uma necessidade que não coincide com uma afirmação da vida, mas justamente pode apontar para o que – no cerne da vida e da vivência – refratou-se a ambas ou à possibilidade do dizer:

A necessidade de testemunhar é a obrigação de um testemunho que unicamente poderia trazer, cada um em sua singularidade, os impossíveis testemunhos – testemunhos do impossível – alguns sobreviveram, mas sua sobrevivência não é mais a vida, é a ruptura com a afirmação vivente, a atestação de que este bem que é a vida (a vida não narcísica, mas para outrem) sofreu a espera decisiva que não deixa mais nada intacto. A partir disso, pode ocorrer que toda narrativa, mesmo toda poesia, tenham perdido o alicerce sobre o qual se elevaria uma linguagem outra, pela extinção dessa alegria de falar que se aguarda no mais medíocre silêncio. O esquecimento, sem dúvida, faz obra e permite que ele ainda se torne obra.²³

Pode, pois, ocorrer que à escrita *a posteriori* falte uma palavra vital, uma expressão de vivências pensadas e sentidas, ou ocorrer que ao texto tenha sucedido uma morte, real ou simbólica, daquele ou daqueles que teriam a possibilidade de testemunhar por si. Em sua impossibilidade de resistir à exigência da escrita, em sua ‘obrigação’ de testemunhar pelo que não tem mais ou nunca teve a força da voz viva, o testemunho literário acolhe o que, *a posteriori*, desde uma espera sem direção, surge. Como assinala Agamben nessa passagem que remete tanto ao testemunho poético ou literário quanto a testemunhas de acontecimentos como Auschwitz: “Não enunciável, não arquivável é a língua na qual o autor consegue dar testemunho da sua incapacidade de falar.”²⁴ À diferença da expectativa que se volta ao que realizaria ou preencheria a intenção, a espera tem o índice de indeterminação: o evento que

²² BLANCHOT, M. *Demeure*, p. 66 s./ *Demorar*, p. 63.

²³ BLANCHOT, 1983, trad. minha.

²⁴ AGAMBEN, 2008, p. 161.

teria estado na origem da escrita, que reivindica o testemunho e que se atualizaria ‘enquanto tal’ ou ‘em si mesmo’ é sombreado pelo esquecimento. Nas palavras de Blanchot:

As palavras do escritor têm uma tripla existência: existem para desaparecer, existem para fazer aparecer a coisa e, uma vez desaparecidas, continuam sendo e desaparecendo para manter a coisa como aparição e impedir que tudo naufrague no vácuo.²⁵

Este modo de desaparecer e manter a coisa ou manter algo da coisa – ou uma espécie de resto da coisa, algo da coisa que perdure – é também, segundo a leitura de Agamben, o que se leria na frase de Hölderlin: “*Was bleibt stiften die Dichter*”, o que poderia traduzir-se como: “Aquilo que permanece fundam-no os poetas”. Se esta expressão poderia transcrever-se assim, contudo, todavia, a partir de Agamben, ela se deixa traduzir por “o que resta fundam-no os poetas”²⁶. Conforme Agamben, isso se deve a que a palavra poética “se situa, de cada vez, na posição de resto, e pode, desta maneira, dar testemunho”²⁷. Para Agamben, dar testemunho implica:

[...] pôr-se na própria língua na posição dos que a perderam, situar-se em uma língua viva como se fosse morta, ou em uma língua morta como se fosse viva, em todo caso, tanto fora do arquivo, quando fora do corpus do já-dito.²⁸

Enquanto Agamben ressalta a possibilidade de o testemunho situar-se “fora do arquivo”, Derrida, contudo, indica que toda linguagem está sujeita a possíveis arquivagens, e que todo arquivo está sujeito a um “mal de arquivo”, ou seja, à escritura nômade sobrevêm instâncias desejantes de outras estirpes, insistindo em ordená-la, em reconvertê-la a uma origem mais plena, em retrazar a cada vez supostas linearidades e hierarquias entre os rastreamentos.²⁹ A essa potência arquivante, arquetípica e arcôntica – desdobramentos desconstrutivos da noção de *arché*³⁰ – responde, todavia, como inscreve Blanchot: “uma memória falha e sem lembrança que assombra em vão o imemorial”³¹.

Por sua vez, se, para Agamben, os sobreviventes atuam como pseudotestemunhas, ao falarem por outro, por delegação, ao testemunharem, mesmo que de um modo tácito, em lugar de um testemunho que falta³², pode-se dizer que Derrida radicaliza essa condição, ou seja: todo testemunho é a possibilidade de um falso testemunho, sempre há um testemunho que falta, e todo testemunho é conclamado a suprir algo ou alguém outro que não pode

²⁵ BLANCHOT, 1997, p. 54.

²⁶ AGAMBEN, 2008, p. 160.

²⁷ Ibidem

²⁸ Ibidem

²⁹ Cf. Derrida, J. *Mal de arquivo (Mal d'archive)*.

³⁰ DERRIDA, J. *Mal d'archive*, p. 12 s./ *Mal de arquivo*, p. 12 s.

³¹ BLANCHOT, 1983, p. 98, trad. minha.

³² AGAMBEN, 2008, p. 48.

testemunhar por si mesmo. Tal radicalização traz ainda outra marca: se somente há verdade na condição de testemunho e se o testemunho é perpassado pela possibilidade da ficção e do perjúrio, então toda apresentação ou toda afirmação da verdade são, no máximo, promessas de verdade³³. E isto num sentido próximo àquele que consignava Cézanne ao prometer dizer a verdade em pintura³⁴. É como se Cézanne dissesse: creia-me naquilo que direi, lá onde eu não direi. Nesse lugar a ser, lugar deslocado do discurso e da ilocução para o traço ou para a escritura na pintura, é como se a verdade se inscrevesse reafirmando *a posteriori* que, se e quando ela se faz, é em sua possível impossibilidade e não sem deslocamentos e desconstruções.

Essa é a condição do traço (*trait*) e da escritura: dividir-se, disseminar-se, ou – como Derrida itera em *Enlouquecer o subjétil* e em *Memórias de cego* – trair a intenção ou o querer dizer, retrair-se à visão e à recolecção logocêntrica, no momento mesmo em que se inscreve.³⁵ Em seu retrair-se descentrando-se, o traço – neste caso, enquanto literatura – partilha (*partage*) sentido, ou seja: o que se partilha com outros e também o que se parte, em não coincidência com um sujeito que sintetizasse outros, em não identidade com um acontecimento que supostamente estivesse na origem do texto. Perpassada por alteridades a que ela responde, a que ela se envia, a que ela remete, mas que, de nenhum modo, se incluem ou se diluem no texto, a escrita literária, enquanto *escritura*, rastreia-se em diversos contextos, legíveis e não legíveis, visíveis e não visíveis. E é nesses rastreamentos, diversos, perecíveis, de semblante infinitos, que a desconstrução, pacientemente, mora e demora (*demeure*). Desconstrução e literatura nisso se aproximam: moradas nômades e desviantes, mas que também, e a cada vez de um modo singular, aterram.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). Trad.: Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008;

³³ Para um maior detalhamento sobre a relação entre verdade e testemunho, cf. Serra, A. Do fenômeno pleno ao testemunho que falta: gradações da verdade em Husserl, Marion e Derrida.

³⁴ “Je vous dois la vérité en peinture, et je vous la dirai”. (P. Cézanne, a Emile Bernard, 1905, apud. Derrida, 1978, p. 6).

³⁵ Pode-se observar um deslocamento entre o quase-conceito de rastro (*trace*), que Derrida trabalha especialmente no texto “Freud e a cena da escritura”, e os quase-conceitos de *traço* (*trait*) e *re-trait* (retraimento do traço, conforme tradução de Fernanda Bernardo, em *Memórias de cego*). Todavia, mesmo no texto de Derrida sobre Freud já se indicava o sentido de traço (como possível tradução de *trace*), uma vez que Derrida aludia aos trilhamentos de uma escritura não diretamente legível, constituída de sobreposições de inscrições e transcrições distanciadas de seus referentes e de seus supostos significados originais. Cf. Serra, A. Temporalidade e *différance*: Derrida, leitor de Freud e Husserl.

BLANCHOT, Maurice. *Après-coup*, précédé par *Le Ressassement éternel*. Paris: Les éditions de Minuit, 1983.

_____. *L'attente, l'oubli*. Paris: Gallimard, 1962 ;

_____. *Celui qui ne m'accompagnait pas*. Paris: Gallimard, 1953;

_____. *Le livre à venir*. Paris: Gallimard, 1959 ;

_____. *Das Neutrale: Philosophische Schriften und Fragmente*. Trad.: Marcus Coelen. Zürich-Berlin: Diaphanes, 2010 ;

_____. *A parte do fogo (La Part du feu, 1949)*. Trad.: Ana M. Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997;

DERRIDA, J. *Demeure: Maurice Blanchot*. Paris: Galilée, 1998 ;

_____. *Demorar: Maurice Blanchot*. Trad.: Flavia Trocoli e Carla Rodrigues. Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2015 ;

_____. La différence. In: _____. *Marges de la philosophie* (1972). Paris: De Minuit, 1972, p. 3-29.

_____. A diferença. In: _____. *Margens da Filosofia*. Trad.: Joaquim Costa, Antônio Magalhães. Campinas: Papirus, 1991;

_____. *De la vérité en peinture*. Paris: Flammarion, 1978;

_____. Freud et la scène de l'écriture. In: _____. *L'écriture et la différence*. (1967). Paris: Du Seuil, 2006, p. 293-340 ;

_____. *Mal d'archive: Une impression freudienne* (1995). 2^a. ed. Paris: Galilée, 2008 ;

_____. *Mal de arquivo: Uma impressão freudiana*. Trad.: Cláudia de M. Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001 ;

_____. *Mémoires d'aveugle. L'autoportrait et autres ruines*. Paris: Édition de la Réunion des musées nationaux, 1990;

_____. *Memórias de cego: O auto-retrato e outras ruínas*. Trad.: Fernanda Bernardo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010;

_____. *Parages*. Paris: Galilée, 1986 ;

DERRIDA, Jacques e BERGSTEIN, Lena. *Enlouquecer o Subjétil*. Trad.: Geraldo G. de Souza. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998;

NANCY, Jean-Luc. Das Neutrale, die Neutralisierung des Neutralen. In: BLANCHOT, M. *Das Neutrale: Philosophische Schriften und Fragmente*. Trad. Marcus Coelen. Zürich-Berlin: Diaphanes, 2010;

SERRA, Alice M. Do fenômeno pleno ao testemunho que falta: gradações da verdade em Husserl, Marion e Derrida. *Philosophica* (Lisboa), v. 45, p. 83-104, 2015.

_____. Notas sobre linguagem e alteridade: a partir de Derrida, leitor de Hegel, Husserl *et al.* *Sapere Aude: Revista de Filosofia*, v. 4, p. 397-411, 2013;

_____. Temporalidade e *différance*: Derrida, leitor de Freud e Husserl. *Em Tese* (Belo Horizonte), v. 16, p. 5-23, 2010.

Recebido em: 12/05/2016 – *Received in: 05/12/2016*

Aprovado em: 18/07/2016 – *Approved in: 07/18/2016*